

MATERIAL DIGITAL DE APOIO À PRÁTICA DO PROFESSOR

Livro do Professor

Alice no País das Maravilhas

LEWIS CARROLL

Adaptação e roteiro de
DAVID CHAUVEL

Ilustrações de
XAVIER COLLETTE

Tradução de
JULIA DA ROSA SIMÕES



Produção de conteúdo:

**KÁTIA CHIARADIA
MARCELLA ABBoud**



Alice no País das Maravilhas

LEWIS CARROLL

Adaptação e roteiro de
DAVID CHAUVEL

Ilustrações de
XAVIER COLLETTE

Tradução de
JULIA DA ROSA SIMÕES

Categoria 1:

OBRAS LITERÁRIAS DO 1º, 2º E 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Formato:

205MM X 275MM

Tema:

DESCOBERTA DE SI

Gênero:

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Produção de conteúdo do material:

KÁTIA CHIARADIA

É graduada em Letras, mestre e doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. Trabalha com formação docente e materiais de literatura em contexto escolar há mais de uma década. A presença da literatura na escola é também o tema de sua pesquisa de pós-doutorado na UERJ. Tem poucas certezas, mas uma delas é de que ensinar é um superpoder. É meio geek, meio nerd e deseja vida longa e próspera à literatura.

MARCELLA ABBOUD

É graduada em Letras, mestre e doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. É professora de Literatura e Língua Portuguesa e escritora. O mundo dos livros a cativa tanto que, hoje, faz curso de especialização em editoração. Para além da linguagem literária, outras duas são seus grandes amores: a moda e a dança.

1ª EDIÇÃO, 2021



Sumário

Carta ao Professor	4
A obra <i>Alice no País das Maravilhas</i>	6
<i>Histórias em quadrinhos: as relações entre texto verbal e não verbal</i>	8
A BNCC e a formação de leitores literários nos Anos Iniciais	12
A formação de leitores literários e o Ciclo de Alfabetização	13
Modelagem de aula: propostas de atividades em <i>Alice no País das Maravilhas</i>	14
<i>Pré-leitura</i>	15
Proposta 1	16
<i>Leitura</i>	17
Proposta 2	18
Proposta 3	19
<i>Pós-leitura</i>	21
Proposta 4	21
Proposta 5	23
Proposta 6	25
A PNA e a literacia familiar: a obra literária fora do ambiente escolar	27
Referencial bibliográfico comentado	28
Indicação de leituras complementares	29
Sugestão de obras que dialogam com <i>Alice no País das Maravilhas</i>	30



Carta ao Professor

Cara professora, caro professor,

Com este material, convidamos você para assumir um papel muito especial na formação dos seus estudantes: **o de mediador(a) da vivência literária**. Trazemos até você um material que pretende ser um apoio no seu trabalho com *Alice no País das Maravilhas*, que indicamos a estudantes de **1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental**, uma obra impor-

tante para crianças que estão começando a ler e ainda no início da jornada de formação leitora e humana. Com uma abordagem séria e fantástica sobre temas sensíveis, como o crescimento, e mesclando linguagem direta e fantasiosa, a obra oferece elementos de reflexão e desafios adequados para o ciclo.

Adaptada para os quadrinhos, *Alice no País das Maravilhas* foi originalmente escrita em 1864 e publicada em 1865 por Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), sob o pseudônimo de **Lewis Carroll**, um dos mais importantes escritores ingleses de sua época. Filho de um pastor

anglicano, foi o terceiro filho de uma família de onze crianças. Embora seja

conhecido pela série de textos em torno

da personagem Alice, também foi ensaísta, professor de matemática e fotógrafo – sem, no entanto, jamais reivindicar nenhuma dessas condições...

A adaptação e o roteiro de *Alice no País das Maravilhas* para as **histórias em quadrinhos** foram feitos pelo francês

David Chauvel, roteirista de inúmeras

HQs que, com mais de vinte anos de

carreira, consolidou-se na área, inclusive atuando como diretor de coleções

francesas. Dentre suas adaptações está *Arthur*, muito bem recebida pela crítica e pelos fãs.

A cargo das ilustrações ficou o belga **Xavier Collette**, que já ilustrou dezenas de obras, muitas delas premiadas. Formado em design gráfico pela École Supérieure des Arts Saint-Luc de Liège, trabalhou com ilustrações para livros e videogames até conhecer David Chauvel, com quem



Autor
Lewis
Carroll



Adaptador
David
Chauvel



Ilustrador
Xavier
Collette

finalmente caiu na toca do coelho branco e ilustrou sua primeira história em quadrinhos.

Por fim, a obra, escrita originalmente em francês, foi traduzida por **Julia da Rosa Simões**. Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem larga experiência na tradução do idioma, traduziu obras como *Os três mosqueteiros*, *Arsène Lupin contra Herlock Sholmes*, *Aya de Yopougon* e *Cartas a Theo*.

A obra *Alice no País das Maravilhas* conta a história de uma garotinha que, após seguir um coelho branco por uma toca, vive intensas aventuras *nonsense*: com um chapeleiro, um grifo, uma lebre, um peixe falante, um gato que desaparece quando quer, uma rainha deceparadora de cabeças, um rei e seus soldados (todos feitos de cartas de baralho). Nessas aventuras, Alice muda de tamanho frequentemente e tem conversas sem sentido para a maioria das pessoas. Ao final do livro, descobrimos que Alice estava sonhando. Muito do que se escreveu sobre esta obra nos últimos 150 anos tem, na protagonista Alice, a metáfora do crescimento das crianças e de sua despedida gradual (e, por vezes, dolorosa) da infância. Por isso, entendemos que *Alice no País das Maravilhas* tematiza a “Descoberta de si”.

Podemos assegurar que se trata também de uma excelente obra para que você trabalhe importantes competências e habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com seus alunos. Por meio de leituras compartilhadas e discussões mediadas por você, a literacia emergente, defendida pela Política Nacional de Alfabetização (PNA) para esse ciclo, ganha espaço e aplicabilidade. Além disso, neste material, buscamos apresentar opções que possam auxiliar você, professor(a), no planejamento do processo de alfabetização de seus alunos.

Ao longo de nossas sugestões aqui descritas, você encontrará propostas de leitura dialogada e de modelagem de aula, sempre pensando em apoiar seu trabalho na condução de atividades que façam bom uso dos conhecimentos prévios das crianças e suas famílias na construção de novos conhecimentos, especialmente relacionados ao desenvolvimento da leitura e da escrita. Você notará, ainda, que as propostas estão organizadas em três momentos – pré-leitura, leitura e pós-leitura –, sempre com indicações das habilidades e dos objetivos trabalhados em cada um deles.

Por fim, as propostas de trabalho que apresentamos para o livro *Alice no País das Maravilhas* não se restringem (embora contemplem) à leitura da obra. Elas se expandem para rodas de conversa, produções orais e escritas que visam a um aluno mais consciente de si e de sua potencialidade. Para nós, esse material é parte importante de uma longa caminhada que daremos com você e seus alunos, cujo objetivo é **formar um leitor literário apto e um cidadão consciente** e ativo por uma sociedade diversificada.

COLÉGIO DANTE ALIGHIERI



Tradutora
Julia da Rosa
Simões

A obra *Alice no País das Maravilhas*

Alice no País das Maravilhas é uma adaptação do clássico do escritor inglês Lewis Carroll. A obra, em formato de história em quadrinhos (HQ), foi adaptada e roteirizada por David Chauvel e ilustrada por Xavier Collette. Em comum, a obra original e sua releitura têm a valorização do fantástico, tão apreciado pelo universo infantil, e do *nonsense*, uma característica marcante de Carroll.



A história começa com a menina Alice entediada ao lado de uma garota mais velha (no original, é sua irmã) que lê um livro. A menina reclama que não entende para que servem livros sem desenhos ou diálogos. A cena já é especialmente interessante no formato HQ, uma vez que o texto quadro a quadro se estrutura basicamente em desenhos e diálogos. A partir daqui, Alice, curiosa e investigativa, como são as crianças, segue a curiosa figura de um coelho branco de casaca e relógio de bolso, aflito por estar atrasado, até uma toca. Ao mergulhar no interior da toca, Alice metaforicamente mergulha em aventuras e, simbolicamente, em si mesma. Na primeira vez que vemos o rosto de Alice, ainda na primeira página, notamos seus olhos avermelhados, o que fará sentido ao final do livro, quando descobrimos que ela estava sonhando e, portanto, seus olhos eram já uma indicação gráfica de seu sono.

Ao relacionar sonho e literatura, Antonio Candido (2004, p. 175) afirma que “a literatura é o sonho acordado das civilizações”. E segue explicando que “assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura.” (CANDIDO, 2004, p. 175). Para o crítico, portanto, sonho e literatura se equivalem ao desempenharem papéis ligados ao mágico e ao lúdico. Assim foi com Alice que, sem ter à mão livros que a agradassem, refugiou-se em seu sonho fantástico. Por isso, é absolutamente crível que objetos, como cartas de baralho, ganhem vida e passem a interagir entre si e com seu entorno.

Em seu sonho, que é a base da história, Alice experimenta diferentes sensações com seu corpo, que ora parece muito grande, ora parece muito pequeno para as situações que vive. Em dado momento, ela se vê mergulhada em suas próprias lágrimas, mas consegue se salvar graças ao diálogo com um pequeno rato. Em seu caminho, enquanto tenta chegar ao “jardinzinho” que lhe parecia o mais ideal de todos os lugares, Alice encontra uma lagarta – uma sábia e velha lagarta roxa – com quem conversa sobre transformações, metamorfoses e identidade: “Na verdade, sei quem eu era de manhã, mas fui mudada tantas vezes que...” (p. 26). A lagarta, de maneira simples e absoluta, aconselha a menina a manter a calma. Alice tenta cantar, mas as canções de roda não fazem mais sentido em sua boca. Ela está passando por mais transformações, não só em seu corpo.

Segundo Bruno Bettelheim (2008, p. 69), quando as crianças buscam soluções para as questões existenciais, tais como “quem sou eu?” ou “quem estou me tornando?”, são movidas por um **pensamento animista**, ou seja, um questionamento a partir da percepção de que elas têm alma. Além disso, o questionamento “Quem sou eu?” é, na verdade, “Quem sou eu no mundo?” e, portanto, traz implícita a percepção de que esse “eu” está inserido em um grupo ou uma sociedade. Essa percepção traz mais perguntas: “Qual é meu papel no mundo? Como devo agir?”. Nesse momento, a criança começa a perceber que está crescendo e se afastando da infância como a conhecia e vivia. Isso significa, portanto, que ela deve experimentar novas emoções, conversas, desafios, pessoas para se (re)conhecer.

Até encontrar a lagarta, Alice havia provado um biscoito e duas bebidas que a faziam aumentar ou encolher de tamanho, uma mudança por vez. Porém, logo em seguida à conversa com a sábia, Alice prova um cogumelo que, segundo a guru, tinha em si a propriedade de fazer a menina crescer ou diminuir (e não era possível saber quando uma ou outra mudança aconteceria). O turbilhão de emoções de Alice, portanto, ao invés de ser amainado, intensificou-se após seus questionamentos existenciais.

Segundo os estudos de Joseph Campbell (2005), embora haja pequenas variações nas narrativas clássicas ou míticas, geralmente o herói (ou uma figura heroica) passa por provas com pouca ou nenhuma ajuda, fora a atuação de uma figura com papel de mentor. Essa jornada sempre implica em autoconhecimento e crescimento emocional dessa figura heroica.

As peripécias vividas por Alice são, por nós, entendidas como metáforas do crescimento e, de maneira mais simbólica ainda, do início de seu afastamento da infância. Sua tomada de consciência, na história, começa com a lagarta, uma criatura em cuja natureza está a metamorfose, e se conclui com o grifo, uma criatura híbrida de leão e águia, símbolo ambíguo de agressão e proteção simultaneamente (O’CONNELL; AIREY, 2016, p. 238). Alice não sairá desse sonho da mesma maneira que entrou. Ela está crescendo, tal qual os alunos do ciclo de alfabetização na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

Um **pensamento animista** é caracterizado pela tendência da criança de dar vida, animar objetos, astros e componentes da natureza em geral. Na filosofia, compreende-se o animismo a partir da noção de que todas as pessoas, plantas, animais e fenômenos da natureza possuem uma alma.



Todos esses passos podem ser simplificados também numa divisão em três seções: Partida, Iniciação e Retorno.

Histórias em quadrinhos: as relações entre texto verbal e não verbal

Professor(a), a arte, incluindo a literatura, além de ser uma ferramenta que possibilita à humanidade conhecer e mudar o mundo, é também campo da magia e da imaginação. Sem a fantasia, a arte deixa de ser o que é: um dos elementos identitários dos seres humanos.

Segundo Ernst Fischer (1983), a função da arte não é a de passar por portas abertas, mas é a de abrir as portas fechadas, construindo elos que permitam experienciar e significar o mundo. A arte eleva os seres humanos à condição de seres íntegros e não fragmentados.

Dessa forma, proporcionar condições para que crianças e jovens acessem as artes é, antes de tudo, condição para possibilitar a construção da identidade individual e social, e o trabalho com diferentes expressões artísticas amplia as habilidades de interpretação do mundo e de autoconhecimento, além de estabelecer diálogos com outros componentes curriculares.

A obra *Alice no País das Maravilhas* é uma história em quadrinhos, um gênero literário caracterizado como arte sequencial e que tem a sua origem relacionada à primeira forma de comunicação do ser humano, que desenhava nas paredes das cavernas para registrar sua existência, ajudando-o a entender o mundo em que vivia.

As histórias em quadrinhos são chamadas de **arte sequenciais** por terem como premissa que a passagem de tempo e a ação ocorrem sempre quadro a quadro, sem que o texto verbal precise informar. As primeiras manifestações das HQs, como as conhecemos hoje, surgiram no final do século XIX, com o autor e ilustrador Richard Outcault, que criou uma narrativa contando as aventuras de um menino de pijama amarelo nos guetos de Nova York. Essa narrativa é de linguagem simples e já apresentava críticas e reflexões sobre as questões sociais presentes naquele momento.

As **histórias em quadrinhos** definem-se como **narrativas gráficas**, ou seja, narrativas em que a **ilustração** é parte essencial para a construção do enredo. Em outras palavras, elas combinam texto e imagem. São um gênero literário que apresenta diversidade de publicações e tom humorístico, contribuindo para uma reflexão crítica da sociedade e para a interpretação de assuntos que acompanham a humanidade desde seus primeiros passos. Hoje, as HQs ganharam destaque na mídia impressa e digital, estimulando a imaginação de leitores e os encantando com sua riqueza de detalhes. O roteiro, o desenho, as cores, os traços e o formato são atrativos que seduzem e satisfazem diversos gostos. Logo, pode ser uma aliada para estimular e despertar o prazer da leitura, contribuindo para a formação de leitores(as) literários(as).



Página 6: A aparição do memorável coelho, que passa correndo por Alice, repetindo sua conhecida fala “vou chegar atrasado”. A cada quadro, o coelho corre, deslocando-se no tempo e no espaço.

É por isso, professor(a), que, ao ler um livro de história em quadrinhos, deve lembrar-se sempre de extrapolar o enredo, não concebendo a ilustração apenas como mero facilitador do conteúdo. Esse é um engano que perseguiu muito tempo a “arte sequencial” dos quadrinhos, associada a um subgênero ou texto de menor relevância estética, um “enfeite ao texto”. Na realidade, o desenho fornece uma **nova dimensão estética**, com novas camadas interpretativas. No caso de Alice, inclusive, essas dimensões estéticas são múltiplas, pois estamos diante de uma obra que utiliza uma linguagem muito contemporânea para recontar uma história de mais de cem anos.



Página 6: A computação gráfica permite uma nova estética, mais contemporânea, para o clássico do século XIX.

Muito provavelmente, quem reproduz essa ideia ainda tem em mente um trabalho voltado a um público pouco leitor, que encontrava nos quadrinhos algo mais da ordem do puro entretenimento do que do universo artístico. Will Eisner (2012), um dos principais teóricos do assunto e responsável pela denominação “arte sequencial”, acreditava que o leitor das histórias em quadrinhos já não é um leitor do entretenimento puro, mas aquele que busca algo além de se divertir: **a fruição literária**.

Fruir um texto não é simplesmente divertir-se com ele (embora a diversão seja um dos elementos da fruição). Ao experimentar a fruição literária, o leitor se coloca na posição de vivenciar, acima de tudo, os obstáculos que o próprio texto impõe: compreender seus elementos, suas camadas e suas semioses – cada linguagem que o constitui e sua interpretação possível. Por isso, é sempre bom destacar: uma leitura não é um ato passivo. É uma vivência múltipla, potente, capaz de reordenar o universo de uma criança, especialmente se instiga seu lado lúdico e criativo, como *Alice no País das Maravilhas* faz.

A leitura de uma história em quadrinhos sempre é uma **leitura multissemiótica**: há, no geral, dois textos verbais – os títulos (quando a HQ tem mais de uma história) e as falas –, além de duas composições visuais – as ilustrações e os elementos gráficos (balões, escolha de cores e símbolos associados às ilustrações).

Uma **leitura multissemiótica** é aquela que considera as várias linguagens (e, dentro delas, as várias semioses) de um texto, como, no caso do livro, a linguagem verbal e a linguagem visual (suas cores, formas e texturas).

As cores de *Alice no País das Maravilhas* são, inclusive, um dos principais elementos narrativos, pois, à medida que Alice habita novos universos, a paleta de cores que acompanha as imagens se modifica. No início, cores vivas predominam durante o diálogo com a jovem mulher. Em seguida, ao seguir o coelho, adentramos num tom de sépia que, tão logo acontece a queda no buraco, oscila em tons frios: rosa, roxo, azul – cores fortemente associadas ao onírico.

Quando a queda termina, retornamos ao tom sépia, que se mantém predominante até o final da narrativa, com apenas duas exceções: no encontro com a misteriosa lagarta e no reencontro de Alice com o Gato de Cheshire. As duas figuras, muito icônicas no universo de Alice, têm em comum o fato de apresentarem mais questionamentos que respostas e confrontarem Alice sempre consigo mesma. As cores corroboram esse diálogo: os tons em roxo e azul remetem à introspecção e ao sonho.



Página 7: As cores acompanham o mergulho de Alice, desde os tons arroxeados, simbolizando o onírico, até os tons mais frios, associados à dureza da realidade no sonho e do crescimento.



Página 38: O icônico sorriso do Senhor Gato de Cheshire em tons arroxeados que nos remetem ao universo onírico.

As personagens de *Alice* ganham vida com uma mescla de estilos, típica do mundo contemporâneo. O que predomina é o estilo *cartoon* – que realça e caricaturiza traços físicos e psicológicos das personagens no traçado, como o sorriso do Gato de Cheshire. Scott McCloud (2005), outro estudioso do universo dos quadrinhos, vê na simplicidade do *cartoon* (em português, *cartum*) uma possibilidade de universalização, ou seja, o *cartum*, por usar traços mais simples, tem a capacidade de representar qualquer pessoa, sem especificá-la pelos detalhes. Quanto mais realista um desenho é, mais ele identifica o indivíduo singularmente. Isso quer dizer que as imagens com estilos realistas fazem com que a gente não consiga se identificar com as personagens. O *cartum*, por sua vez, embora permita o reconhecimento e a compreensão do que constitui a personagem, tem

como característica funcionar como um símbolo, um ícone, permitindo que o leitor se empatize e se sinta representado – ou reconheça alguém. Em *Alice no País das Maravilhas*, o estilo cartum se sobressai, ou seja, mantém o leitor próximo do texto na medida em que se ampara no caráter universal dos desenhos mais simplificados, e ainda é acrescido de duas outras referências: os mangás e a *Splash Art*.

Os mangás são as histórias em quadrinhos de tradição japonesa que deram origem a muitos desenhos (animes) que tomaram a televisão, especialmente a partir dos anos 90. Tipicamente impresso em preto e branco, o mangá costuma ter por característica o “efeito máscara”, isto é, a combinação de personagens cartunizados e ambientes realistas. Além disso, utilizam metáforas visuais para simbolizar o estado emocional ou físico das personagens, perceptível, especialmente, nos olhos altamente expressivos. Essas características são vistas em *Alice no País das Maravilhas*, cujos sentimentos são expressos na modificação dos olhos.



Página 35: Alice em três estados emocionais, com três formatos de olhos, na mesma sequência.

A *Splash Art*, por sua vez, tem origem nos *games*, mais precisamente em um jogo chamado *League of Legends*. Produzidas pelos artistas oficiais do jogo, as ilustrações retratam as personagens (ou Campeões) em tamanhos grandes, com diferentes poses e perspectivas, de forma mais artística e articulada do que no próprio jogo. A fluidez dos cabelos, as formas marcadas do corpo e o uso de uma estética parecida à do jogo encontrando uma nova semiose.



Página 12: A estética de computação gráfica imprime marcas da *Splash Art*, herdada dos games.

PARA REFLETIR MAIS
Professor(a), as cores podem representar diversos significados e associações em termos históricos, culturais, mas também sensoriais. Caso queira conhecer mais sobre esse rico universo, recomendamos: HELLER, Eva. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. São Paulo: Olhares, 2021.

Por fim, podemos dizer que, tal qual no clássico original, nesta releitura, adaptada para HQ, o espaço mágico simbolicamente representa o autoconhecimento, um caminho necessário para quem está crescendo e evoluindo. A adaptação consegue manter esse propósito original do conto maravilhoso, atualizando-o e, assim, formando uma terceira camada intertextual, que aumenta ainda mais o pertencimento durante a leitura.

A BNCC e a formação de leitores literários nos Anos Iniciais

A centralidade da escola no circuito da oferta estética – muitas vezes a escola é o único ponto de encontro entre leitores/alunos e livros – evidencia a importância da figura do(a) professor(a) bem amparado(a) ao pensar o trabalho com textos literários oferecido a seus alunos.

A literatura em contexto escolar, já na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, enfatiza o papel do educador de mediar as relações das crianças com os textos a fim de nelas nutrir o gosto pela leitura, estimular a imaginação e ampliar o conhecimento de mundo (BRASIL, 2018). Além disso, o(a) professor(a) é também agente fundamental na promoção da literacia familiar (BRASIL, 2019).

Assim, um dos caminhos que queremos apontar em nosso material é o poder sem igual que o livro literário tem de aguçar a imaginação e o prazer pela leitura. Mas temos de pensar nele para além de seu tema, não esquecendo do nosso papel, enquanto professores(as), no desenvolvimento do aluno como leitor e curador das obras que estão ao seu dispor, cumprindo o indicado como Competência Específica 5 de Linguagens para o Ensino Fundamental da BNCC:

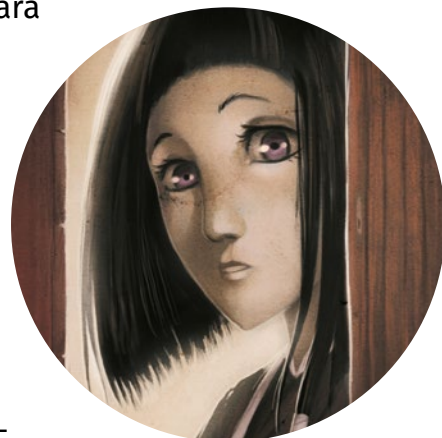
Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2018, p. 65)

Na BNCC, o objeto de conhecimento **Formação do leitor literário** compreende um conjunto de habilidades comuns a vários anos, que buscam desenvolver a fruição estética do leitor nessa etapa da escolarização e que devem ser continuamente trabalhadas, ou seja, desde o 1º até o 5º ano. A habilidade EF15LP15, “reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade”, é, possivelmente, a mais significativa na proposta de se **formar um leitor literário**.

Mas, se as percepções de uma obra são pessoais e evidentemente subjetivas, como poderia a escola “formar leitores”? Ofertando leitura literária. E depois ofertando mais. Se o gosto, as preferências do leitor e a sua percepção e fruição estéticas resultam do caldo cultural de suas experiências, é preciso ampliar o repertório de experiências dos alunos. Por isso,

é essencial que a escola tenha o desenvolvimento da leitura literária como um objetivo permanente. Em termos práticos, é preciso insistir na mediação constante da leitura, fazendo da fruição de obras literárias uma **experiência reiterada e sólida**, e não casual, no cotidiano não apenas da sala de aula e da biblioteca, mas de todo o espaço escolar, até que esse leitor, um dia, leve essa prática para fora da escola, em suas comunidades.

A formação de leitores literários e o Ciclo de Alfabetização



Quando falamos de 1º, 2º e 3º anos, além da importância de se formar um leitor literário (um caminho contínuo, desde a Educação Infantil), é preciso falar também do processo de alfabetização, um tema tão complexo quanto essencial aos Anos Iniciais. Desde a universalização do ensino no Brasil, a qual tornou a escola acessível a todos os cidadãos, discutem-se os diferentes ganhos dos variados métodos de alfabetização.

Segundo a professora e pesquisadora Isabel Frade (2007), de maneira simplificada, podemos dizer que há dois agrupamentos de métodos de alfabetização: os sintéticos e os analíticos. Os **métodos sintéticos** privilegiam o sentido do ouvido na relação com os sinais gráficos, por exemplo, nas práticas dos exercícios de leitura em voz alta e ditados, que pressupõem a transformação da fala em sinais gráficos. Já os **métodos analíticos** valorizam a palavra, a frase e o texto e defendem que as crianças, com o desenvolvimento de suas habilidades, podem analisar as unidades que vão do texto à frase, da frase à palavra, da palavra à sílaba. Ou seja, podemos dizer que nos métodos sintéticos a apropriação do código se dá das menores para as maiores unidades de texto, enquanto nos métodos analíticos parte-se das unidades maiores (como parágrafos ou frases) em direção às menores, as sílabas.

Para nós, portanto, fica claro que na preparação de um material com foco em alfabetização (da letra, do texto e da leitura), além de, evidentemente, ser necessário se conhecer as potencialidades dos diferentes métodos, o mais importante é **estabelecer relações produtivas** entre eles, entendendo-os como ferramentas das quais você, professor(a), pode se apropriar para construir seu fazer pedagógico. Por isso, ao longo desta proposta que lhe trazemos para o trabalho com a obra *Alice no País das Maravilhas*, buscamos alinhar o método sintético **fônico** ao método analítico **global** e à **psicogênese da escrita**. Por exemplo, na Proposta 5, do momento “Pós-leitura”, apoiamos nossa sugestão em um ponto do método sintético-analítico da palavração. Para nós, essa associação entre os métodos é um movimento de inclusão e valorização das diferentes maneiras de aprender dos alunos e das distintas etapas da alfabetização.

Pensando também que o sucesso da alfabetização está intimamente ligado à existência de um processo significativo para a criança que aprende, para além da apropriação do código e da compreensão de textos, há ainda um terceiro elemento que deve ser trazido ao cotidiano alfabetizador: o letramento. De acordo com Magda Soares, uma das maiores referências brasileiras em alfabetização:

O termo alfabetização não ultrapassa o significado de “levar à aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever. (SOARES, 2016, p. 16)

Assim, para a autora, torna-se fundamental que o planejamento do(a) professor(a) alfabetizador(a) abarque o conceito de letramento, que se define como o resultado da ação de ensinar e aprender as *práticas sociais* de leitura e escrita. Magda defende que a aprendizagem do sistema de escrita deve acontecer em união à aprendizagem dos *usos sociais* desse sistema, o que ela chama de “alfalettar”. Dessa maneira, alfabetização e letramento caminham juntos. Uma vez alfabetizados e letrados, os alunos adquirem a base para que as interpretações que fazem dos textos, bem como suas produções de textos, se tornem cada vez mais aprimoradas e fluentes.

Por fim, importa dizer que o estímulo à leitura no Ciclo da Alfabetização – 1º e 2º ano, com consolidação no 3º ano – é fundamental para a formação de leitores críticos e para o letramento literário, ou seja, “alfalettar” por meio do universo dos livros.

Apoiar professores e, conseqüentemente, alunos na compreensão da natureza e dos objetivos das diferentes práticas de leitura são algumas das nossas metas ao elaborar o presente **Material digital de apoio à prática do professor**.

Modelagem de aula: propostas de atividades em *Alice no País das Maravilhas*

Para fins didáticos, nossas propostas estão organizadas em três etapas, considerando a abordagem da obra literária: **pré-leitura, leitura e pós-leitura**.

Dentro de cada etapa, sugerimos as práticas privilegiadas, o tempo estimado, os materiais e/ou recursos a serem utilizados, as habilidades e os objetivos de aprendizagem que entendemos mais coerentes com a proposta do livro.

Além disso, importa dizer que as sugestões de atividades estão pautadas para a mobilização das Competências Específicas 3, 7 e 9 do componente de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental da BNCC:

3. *Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.*

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Reforçamos que essa organização se trata de uma sugestão, e é você, professor(a), que dará sentido ao trabalho, aceitando, adaptando ou, se julgar necessário, criando novas propostas.

Pré-leitura

Professor(a), essa é a fase de levantamento de hipóteses sobre o livro pelos alunos, o que favorece o desenvolvimento da oralidade. Por isso, é importante dar voz a todos e respeitar suas posições, incentivando-os por meio de perguntas que as justifiquem: “Por que você acha isso?” ou “O que o(a) levou a essa conclusão?”.

A compreensão leitora, em especial com crianças, está bastante associada à qualidade do trabalho de inferência. Todo texto tem informações explícitas (que estão escritas verbalmente no texto) e informações implícitas (que não estão escritas verbalmente, mas para as quais há “pistas”). A inferência se dá a partir do sentido que o leitor aplica a determinada “lacuna”, um processo que inexoravelmente se associa aos conhecimentos prévios desse leitor.

Por isso, quando falamos em alfabetização, falamos muito da importância de, antes do trabalho com o código escrito, ampliar o repertório de experiências das crianças. Quanto mais conhecimentos e experiências uma pessoa (criança ou não) tem “arquivadas em sua memória”, mais instrumentos internos ela terá para compreender um texto. Por exemplo, em relação ao livro *Alice no País das Maravilhas*, espera-se que uma parte significativa dos alunos já tenha ouvido falar do clássico que deu origem à HQ, seja como livro, como filme ou como animação. É bastante provável também que, por razões semelhantes, parte dos alunos já tenham visto a palavra “Alice” ou até a reconheçam, total ou parcialmente.

Nesse sentido, portanto, atividades que valorizam a **inferência** são muito válidas no ciclo de alfabetização, pois demandam uma constante (re)organização das informações que o leitor já tem em busca da produção de sentidos novos. Sabemos que a informação inferida não está no texto propriamente dito, mas só pode ser elaborada a partir dele. Por fim, importa dizer que o exercício contínuo de confirmar ou rejeitar suas hipóteses terá reflexos, a longo prazo, na construção da autonomia e do protagonismo.

Segundo Dell’Isola (2001), o processo cognitivo chamado de **inferência** é a elaboração de uma afirmação, a respeito de algo desconhecido, tendo por base uma observação.

PROPOSTA 1

Antecipação de leitura, diagnóstico do tema, diagnóstico de leitura e escrita

Práticas de linguagem privilegiadas: Oralidade, leitura e escrita	Etapa: Prê-leitura
	Duração: 1 aula
Página: Capa do livro	Materiais/Recursos: Livro, caderno, lápis ou caneta
ATIVIDADE	SOBRE A PROPOSTA E A ATIVIDADE
<p>Apresente a capa do livro para os alunos, pedindo-lhes que analisem as imagens e as informações impressas.</p> <p>Leia para eles o título do livro conduzindo com o dedo para que possam acompanhar.</p> <p>Pergunte:</p> <p><i>Observando a capa do livro, o que vocês veem?</i></p> <p>Onde está o nome do autor?</p> <p>Que outras pessoas participam da criação de um livro?</p> <p>Qual é a editora? Como vocês sabem?</p> <p>Qual é o título do livro?</p> <p><i>Há algo familiar no título do livro?</i></p> <p><i>Alguma palavra da capa (ou parte dela) se parece com uma palavra que vocês conheçam?</i></p> <p><i>Há, na capa, uma letra que tenha sons diferentes?</i></p> <p>A pergunta relacionada às pessoas que participaram na criação do livro poderá ser retomada mais adiante, uma vez que se trata de uma obra ilustrada, adaptada e traduzida.</p> <p>Lembramos que é importante respeitar e analisar a etapa de alfabetização de cada turma e aluno. É possível que alguns consigam ler o título, outros levantem hipóteses de leitura e alguns necessitem de auxílio.</p> <p>Uma boa estratégia para auxiliar as crianças em suas hipóteses é fazer uso de palavras já conhecidas, como nomes de alunos da turma. Assim, se, hipoteticamente, na sala houver uma “Aline” ou “Mara”, é possível conduzir as crianças numa experiência de comparação entre grafemas e fonemas. No caso de não responderem à última pergunta (a respeito dos sons diferentes), você pode direcioná-los, pedindo que analisem a letra “L” em todas as palavras que aparecem no título.</p>	<p>Para o(a) professor(a) alfabetizador(a), importam dois elementos em especial quando falamos de inferência:</p> <ul style="list-style-type: none">• A percepção de que a capacidade de inferência de seus alunos vai se aprimorando na proporção em que eles vão interagindo com o código escrito. Daí a importância de outro conceito muito presente na alfabetização: o ambiente alfabetizador, tanto na escola como em casa.• A consciência de que nem sempre as inferências de seus alunos produzirão compreensões adequadas e sustentadas pelo texto.
<p>Ainda na capa, incentive os alunos a observar bem a ilustração para levantarem hipóteses. Pergunte em seguida:</p> <p>O que mais chama a atenção de vocês?</p> <p>Quem é a personagem? <i>Ela parece estar caindo ou mergulhando?</i></p> <p>Como é o local que a cerca?</p> <p>O que, no cenário, causa estranhamento?</p> <p>Qual vocês imaginam ser o tema deste livro?</p> <p>Pergunte, de maneira despretensiosa, mas sem perder a intencionalidade pedagógica, se os estudantes sabem o que significa uma história ser “em quadrinhos” ou uma história “quadro a quadro”.</p>	<p>O livro <i>Alice no País das Maravilhas</i> trabalha o tema da fantasia, das descobertas interiores e do crescimento. A antecipação do que será lido pode motivar os alunos a criar empatia com o texto e, conseqüentemente, com a leitura.</p>

PROPOSTA 1

Antecipação de leitura, diagnóstico do tema, diagnóstico de leitura e escrita

HABILIDADES MOBILIZADAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM SUGERIDOS
<p>(EF01LP13) Comparar palavras, identificando semelhanças e diferenças entre sons de sílabas mediais e finais.</p> <p>(EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.</p> <p>(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.</p>	<ul style="list-style-type: none">• Reconhecer os textos verbais e os não verbais.• Reconhecer regularidades no sistema de escrita de palavras com “-L” (medial e final): em “Alice” e “Maravilhas”, no título; “Via Láctea”, no nome da editora; e “Chauvel” e “Collette”, nos nomes dos autores.• A partir do título, levantar hipóteses sobre a temática do que será lido.• A partir da capa, levantar hipóteses sobre a temática do que será lido.

COMPONENTES DA PNA: Identificar a finalidade de textos; ampliar e enriquecer o vocabulário; aprimorar a linguagem oral.

Leitura

A seguir, propomos a introdução dos temas mais relevantes presentes na obra a fim de incentivar não só a compreensão do que será lido, como também contribuir com os aspectos imaginário e lúdico dessa leitura, essenciais à formação do leitor literário. Ainda com este foco, as propostas para essa etapa do processo de relação com a obra estão voltadas para a fruição da leitura, bem como sua compreensão e interpretação, e estimulam reflexões que vão para além das páginas do livro.

Sugerimos que a primeira leitura seja feita de forma compartilhada. Para tanto, você, professor(a), pode fazer a leitura e os alunos lhe acompanhar. Caso haja dúvidas em relação ao vocabulário ou à compreensão de algum trecho, pergunte à turma o que pensam que seria o significado para que eles tentem inferir pelo contexto. Se não conseguirem chegar a um consenso, convide-os para buscar o significado no dicionário.

Segundo Egon de Oliveira Rangel (2012), usar o dicionário em sala de aula pode ser um valioso instrumento de promoção de práticas de letramento ao favorecer a **identificação**: da palavra como unidade linguística; de seu registro gráfico (seu “desenho”); do valor das letras, em diferentes posições, e das sílabas; de suas partes (raiz e afixos); de sua ortografia; de variadas acepções a um mesmo termo (e de como identificar a melhor a cada ocasião); e, em especial, da existência de campos semânticos, ao mesmo tempo que fortalece a ampliação de vocabulário.

PROPOSTA 2

Leitura compartilhada do(a) professor(a) seguida de reconto oral coletivo

Práticas de linguagem privilegiadas: Oralidade, leitura e escuta	Etapa: Leitura
	Duração: 2 aulas (dupla)
	Materiais/Recursos: Livro, caderno, lápis
ATIVIDADE	SOBRE A PROPOSTA E A ATIVIDADE
<p>Proponha uma leitura compartilhada feita por você, professor(a), de maneira conjunta com os alunos. O ideal é que você leia demarcando as sílabas e palavras com o dedo, além de enfatizar o ritmo e a entonação, enquanto os alunos o(a) acompanham e tentam ler junto. É interessante aproximar o livro para que eles possam observar as ilustrações, letras e palavras destacadas.</p> <p>Faça perguntas sobre o conteúdo que está sendo lido, tais como:</p> <p><i>Quem são os personagens da história?</i> <i>Qual a relação entre eles? Onde eles estão?</i> <i>O que estão fazendo?</i></p>	<p>Na leitura compartilhada, alunos e professor(a) leem juntos um mesmo texto e apresentam suas ideias e impressões acerca do que foi lido. A leitura pode ser realizada em voz alta, como sugerimos, mas também de forma silenciosa. Nesta estratégia, pode-se ler todo o texto ou trechos inteiros.</p>
<p>Faça perguntas sobre o que está sendo lido, tais como:</p> <p><i>O que aconteceu primeiro? E depois?</i> <i>Como vocês perceberam isso? Por que aconteceu isso? O que mais aconteceu na história?</i> <i>O que vocês acham do jeito de falar da lagarta? E da rainha?</i> <i>Como os outros personagens se sentem?</i> <i>Por que não faria sentido a rainha pedir a decapitação do gato?</i></p> <p>Pergunte-lhes, ao final dessa etapa, se gostaram do livro. Assegure em suas aulas, professor(a), a importância da fruição literária, que é o que sugere a habilidade EF15LP15 e EF15LP18.</p>	<p>A leitura dialogada é um movimento de interação, por meio de perguntas e respostas, entre adultos e crianças. Essa interação pode se dar antes, durante e depois da leitura em voz alta e é um importante componente do processo de envolvimento dos estudantes com a leitura.</p>
<p>Peça aos alunos que façam o reconto do texto lido para certificar-se de que todos compreenderam a história. Eles vão falando e você, o(a) professor(a), faz perguntas que verificam o entendimento.</p> <p>A depender do grau de alfabetização dos alunos ou de sua familiaridade com textos literários, bem como do tempo que o(a) professor(a) poderá destinar a essa atividade, o reconto pode acontecer desde em uma roda de conversa, em que cada aluno reconta um trecho do texto, como a partir de uma encenação.</p>	<p>No processo de reconto em situação escolar, cabe ao(à) professor(a), quando necessário, intervir de maneira construtiva nesse texto oral dos seus alunos, orientando-os, por exemplo, sobre especificidades e relações entre linguagem escrita e linguagem oral ou sobre elementos típicos do gênero textual que devem ser preservados também na oralidade.</p> <p>Em um trabalho mais contínuo e planejado, é possível que o(a) professor(a) transforme o reconto em uma atividade permanente da rotina escolar, elegendo um aluno a cada semana para recontar um livro. O olhar atento e as intervenções pontuais e construtivas do(a) professor(a) são essenciais em qualquer das modalidades.</p>

PROPOSTA 2

Leitura compartilhada do(a) professor(a) seguida de reconto oral coletivo

HABILIDADES MOBILIZADAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM SUGERIDOS
<p>(EF01LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-línguas, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade.</p> <p>(EF12LP05) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.</p> <p>(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.</p> <p>(EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.</p>	<ul style="list-style-type: none">• Ler e compreender, colaborativamente, HQs.• Participar de situações de reconto colaborativo de textos literários em formato de HQ.• Reconhecer a situação comunicativa e a finalidade de HQs.• Reconhecer a dimensão lúdica e de encantamento de textos literários.• Valorizar textos literários de diversas culturas como patrimônio artístico da humanidade.

COMPONENTES DA PNA: Identificar a finalidade de textos; ampliar e enriquecer vocabulário receptivo e expressivo; promover a fluência em leitura oral.

A proposta a seguir trabalha a análise da linguagem não verbal e sua interação com a linguagem verbal.

PROPOSTA 3

Leitura colaborativa da ilustração

Práticas de linguagem privilegiadas:	Etapa: Leitura
Leitura, oralidade e escrita	Duração: 1 aula
Páginas: 18 a 20	Materiais/Recursos: Livro
ATIVIDADE	SOBRE A PROPOSTA E A ATIVIDADE
<p>Peça que os alunos tentem recontar a história a partir das imagens do livro. Como os alunos estão em fase de alfabetização, pode-se fazer uma leitura a partir das imagens. Peça-lhes também que busquem observar as cores de cada quadro ou página e associá-las ao sentimento dos personagens na respectiva cena.</p> <p>Convide os alunos a sentarem-se em roda, para que todos possam observar o livro. Questione-lhes suas opiniões sobre o livro:</p> <p><i>Agora que vocês já conhecem a história, por que, na capa do livro, há relógios?</i></p> <p>Por que a roupa de Alice não é bagunçada na queda? A ideia é que eles comecem a perceber como texto e imagem trabalham conjuntamente.</p> <p>Alternativamente, você pode preparar conjuntos de imagens do livro e pedir que os alunos coloquem em ordem enquanto recontam a história.</p>	<p>Especificamente no Ciclo Inicial de Alfabetização, e pensando na boa transição da Educação Infantil, o potencial brincante da atividade favorece o estabelecimento de uma relação lúdica com o texto literário, afinal, para a criança, é como se ela estivesse brincando de ser o(a) autor(a). É uma proposta de faz de conta que liga o próprio brincar à familiaridade com a língua escrita e falada.</p>

PROPOSTA 3


Leitura colaborativa da ilustração

ATIVIDADE	SOBRE A PROPOSTA E A ATIVIDADE
<p>Por se tratar de HQ, sugerimos que você, professor(a), enfatize a construção de sentidos a partir da interação entre linguagem verbal e não verbal.</p> <p>Explore as imagens, por exemplo, da página 19, fazendo perguntas que dialoguem com os temas da obra e provoquem a ludicidade, a interpretação e a reflexão:</p> <p>O que se pode ver nas imagens da página 19? <i>Observe a maneira como Alice diz “GATOS”.</i></p> <p>Por que as letras estão em balões diferentes? O que essa escolha tem a ver com os personagens que estão dialogando?</p> <p>Por que a página é azul? <i>Você acha que está frio ou calor? Por quê?</i></p> <p><i>Compare a página 19 com a página anterior e a página posterior. O azul usado em cada página é o mesmo? O que isso pode significar?</i></p> <p>As cores do conjunto das páginas 18 a 20 migram do lilás para o cinza, enquanto Alice está acompanhada das criaturas com quem conversa. Quando os personagens se retiram, Alice aparece em um <i>close-up</i> (ou simplesmente <i>close</i>, um plano de cena com enquadramento fechado) com as cores da próxima cena com o coelho. Assim, as perguntas sobre as ilustrações podem conduzir a uma reflexão que contribui para a interpretação e, também, extrapola a obra.</p> <p>Repita esse processo de análise da linguagem não verbal sempre que julgar pertinente.</p> <p>Recomendamos também que o trabalho com a linguagem seja desenvolvido sempre quando possível. Por exemplo, peça para os alunos, nessa mesma página 19, identificarem, nos dois quadros centrais, por que o rato diz para Alice que ela “não fala coisa com coisa”. Espera-se que os alunos identifiquem o duplo sentido de “nós”: nas duas ocasiões em que aparece, a palavra tem o mesmo som e a mesma grafia (correspondência grafofonêmica), porém com sentidos diferentes (respectivamente “você e eu” e “amarração”).</p>	<p>Como qualquer imagem, uma ilustração pode representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, chamar atenção para sua configuração visual ou seu suporte. Trabalhe com os alunos, com palavras acessíveis a eles, a ideia de que, nos livros ilustrados e nas HQs, o leitor não deve buscar apenas equivalências entre texto e ilustrações, mas uma relação de diálogo – portanto, mutuamente enriquecedora –, pois os sentidos do texto se projetam sobre as ilustrações assim como os sentidos das ilustrações se projetam sobre o texto.</p>
HABILIDADES MOBILIZADAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM SUGERIDOS
<p>(EF03LP09) Identificar, em textos, adjetivos e sua função de atribuição de propriedades aos substantivos.</p> <p>(EF15LP04) Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos.</p> <p>(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.</p> <p>(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.</p>	<ul style="list-style-type: none">• Identificar, em textos verbais e não verbais, adjetivos e sua função de atribuição de propriedades aos substantivos.• Reconhecer HQs como textos com caráter de encantamento.• Apreciar HQs.• Reconhecer processos de significação não verbais em HQs.• Reconhecer a dimensão lúdica e de encantamento de textos literários.• Valorizar textos literários de diversas culturas como patrimônio artístico da humanidade.• Recontar oralmente, com ou sem apoio de imagem, HQs lidas na roda de leitura.• Relacionar texto escrito com texto imagético.
COMPONENTES DA PNA: Desenvolver fluência em leitura oral.	

Pós-leitura

As aulas que ora apresentamos trabalham a leitura com foco na prática de Análise linguística/semiótica. Você estará trabalhando com uma importante leitura multissemiótica, dada a relação entre a leitura e os elementos gráfico-visuais, enquanto também mobiliza aspectos fonológicos e morfológicos da língua.

A proposta a seguir destaca a relação fonema-grafema e incentiva a discussão acerca das variações linguísticas. Além disso, seleciona uma página da obra que introduz o “conflito” da narrativa.


PROPOSTA 4	
Identificar fonemas em formas escritas	
Práticas de linguagem privilegiadas: Oralidade, leitura e escrita	Etapa: Pós-leitura
	Duração: 1 aula
Página: 37	Materiais/Recursos: Livro, lápis, borracha, caderno
ATIVIDADE	SOBRE A PROPOSTA E A ATIVIDADE
<p>Esta atividade consiste em permitir que os alunos opinem e destaquem palavras, sílabas e/ou fonemas conhecidos. Para isso, professor(a), convide-os a analisar a página 37.</p>  <p>Além de ser um dos mais conhecidos e comentados diálogos de <i>Alice no País das Maravilhas</i>, nesta tradução, ele traz a oportunidade de estudar os fonemas possíveis associados à grafia da letra “s”:</p> <p>Quais palavras vocês já conhecem? Quais palavras são novas?</p> <p><i>Tiveram dificuldade para ler alguma palavra?</i> Por quê?</p> <p>Peça que eles anotem no caderno as palavras novas e seus significados inferidos, além das que geraram dificuldade de leitura.</p> <p>Proponha que construam outras frases ou situações em que essas palavras poderiam ser utilizadas.</p>	<p>Na alfabetização é necessário que os alunos automatizem os processos de decodificação dos grafemas, para que possam direcionar a atenção a aspectos mais gerais de interpretação do texto e, assim, construir significação textual</p> <p>A decodificação de um texto escrito em sons requer a utilização das correspondências grafofonêmicas, uma vez que as correspondências letra-som podem ser variadas em tipos. Por exemplo, encontramos letras e/ou sequências de letras com correspondência de som comum, como no caso de “p”, e encontramos também letras com mais de uma correspondência sonora, como a letra “c”.</p>

PROPOSTA 4

Identificar fonemas em formas escritas

ATIVIDADE	SOBRE A PROPOSTA E A ATIVIDADE
<p>Ainda na página 37, há algumas palavras que podem gerar reflexão na leitura e na escrita por conta de sua estrutura silábica formada por:</p> <ul style="list-style-type: none">S inicial – são/sair/saída;S final (após vogais) – os/dois/loucos;SS – nesse;Vogal-S-Vogal – caso/visitar;Consoante-S-vogal – obséquio. <p>Esses fonemas podem ter sons diferentes por causa da escrita e da variação linguística. Sugerimos que você, professor(a), solicite aos alunos a cópia da fala do respectivo personagem que contenha essas ocorrências, pedindo atenção quanto à disposição das letras nas palavras e das palavras nas frases, para adequação da escrita. Além disso, convém, num segundo momento, adicionar à reflexão sobre os fonemas e grafemas as palavras em que outras letras têm o som comumente atribuído ao S, como “você” e “março”.</p> <p>Perguntar:</p> <p><i>Quem conhece mais palavras escritas dessa maneira com as letras estudadas?</i></p> <p>Solicite que os alunos escolham uma das palavras copiadas e formem outra frase utilizando-a. As sugestões que aqui propusemos podem ser aplicadas em outras páginas da obra.</p>	<p>A cópia inteligente é uma ocasião muito válida para o aluno assimilar e internalizar regularidades da língua, como questões de ortografia, por exemplo.</p>
HABILIDADES MOBILIZADAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM SUGERIDOS
<p>(EF01LP08) Relacionar elementos sonoros (sílabas, fonemas, partes de palavras) com sua representação escrita.</p> <p>(EF12LP01) Ler palavras novas com precisão na decodificação, no caso de palavras de uso frequente, ler globalmente, por memorização.</p> <p>(EF12LP03) Copiar textos breves, mantendo suas características e voltando para o texto sempre que tiver dúvidas sobre sua distribuição gráfica, espaçamento entre as palavras, escrita das palavras e pontuação.</p> <p>(EF02LP07) Escrever palavras, frases, textos curtos nas formas imprensa e cursiva.</p>	<ul style="list-style-type: none">• Relacionar letras e/ou conjuntos de letras a sons correspondentes.• Ler palavras novas, decodificando-as.• Ler globalmente palavras conhecidas.• Copiar textos curtos.• Copiar textos breves, preservando sua forma.• Escrever frases nas formas imprensa e/ou cursiva.
<p>COMPONENTES DA PNA: Desenvolver consciência fonêmica e instrução fônica sistemática.</p>	

A proposta a seguir aborda a entonação, representada pelos sinais de ponto-final, exclamação e interrogação, e permite a exploração do fim do conflito da narrativa.

PROPOSTA 5	
Investigar a sonoridade a partir de sinais gráficos	
Práticas de linguagem privilegiadas: Oralidade, leitura e análise linguística e semiótica	Etapa: Pós-leitura
Páginas: 41, 43, 54	Duração: 1 aula
	Materiais/Recursos: Livro
ATIVIDADE	SOBRE A PROPOSTA E A ATIVIDADE
<p>Propomos agora uma atividade de análise da linguagem verbal com foco na entonação das frases com ponto-final, exclamação e interrogação.</p> <p>Na página 41, Alice, o Chapeleiro e a Lebre conversam. Releia alguns quadrinhos para os alunos, pedindo que eles prestem atenção na entonação das frases.</p>  <p>Pergunte:</p> <p>Qual a diferença entre usar um sinal de exclamação, como o Chapeleiro, ou usar dois, como a Lebre?</p> <p>Qual a diferença entre dizer: “Nem eu.”, “Nem eu?”, “Nem eu!” e “Nem eu!!”?</p> <p>A seguir, pergunte:</p> <p>Como sabemos de que maneira devemos ler? Ou seja, qual a entonação adequada de uma frase, só de olhar para o texto?</p> <p>Apresente os sinais gráficos, confirme que todos compreenderam e explore a ocorrência desses sinais nas páginas anteriores e/ou seguintes, lendo para os alunos ou pedindo que eles façam as leituras com a entonação adequada.</p>	<p>A vida em uma sociedade letrada exige habilidades de decodificar, interpretar e fazer uso dos signos linguísticos. Saber decodificar, interpretar e usar signos linguísticos é uma habilidade essencial para as interações e relações em sociedade. Por isso, os processos de alfabetização necessitam ser significativos, criando condições para a inserção social das crianças.</p>
<p>Explore a relação entre a ilustração e o uso dos sinais gráficos. Estimule os alunos a perceberem nuances de sentidos conforme o contexto. Por exemplo, o uso da interrogação pode ser entendido como surpresa, ameaça, confirmação etc.</p> <p>Pergunte:</p> <p>Como as expressões dos personagens se relacionam com os sinais que acabamos de estudar?</p> <p>Já pensaram que existem maneiras diferentes de afirmar, perguntar e exclamar?</p> <p>Se não houvesse ilustração, que palavra(s) poderia(m) descrever a entonação que a Lebre deu a sua fala?</p> <p>Essa atividade pode ser repetida com outras imagens e trechos do livro, ou mesmo em outros textos, sempre explorando a ludicidade e a expressividade dos alunos.</p>	<p>Histórias em quadrinhos são textos privilegiados em multissemiose. Como já dito, uma leitura multissemiótica é aquela que considera as várias linguagens (e, dentro delas, as várias semioses) de um texto, como, no caso do livro, a linguagem verbal e a linguagem visual (suas cores, formas e texturas).</p>

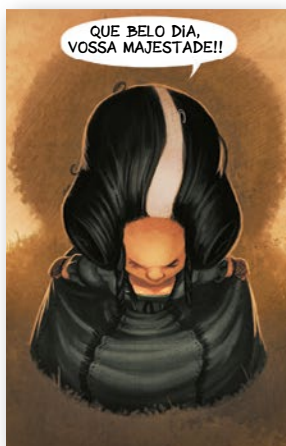
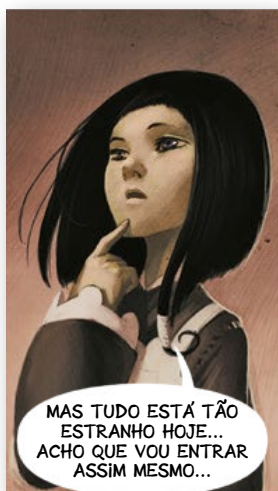
PROPOSTA 5

Investigar a sonoridade a partir de sinais gráficos

ATIVIDADE

Professor(a), você conhece seus alunos. Caso eles estejam alfabetizados e consigam fazer leituras com autonomia, pode-se montar duplas produtivas, com alunos em fases diferentes, porém próximas de alfabetização, selecionar imagens e trechos dos textos para cada dupla fazer sua leitura e análise do que há em comum entre o texto escrito e o imagético. As duplas podem explicar para todos as conclusões a que chegaram nessa atividade.

Por exemplo, na página 43, Alice diz que tudo está “estranho” naquele dia. A ilustração representa-a com a mão no queixo, numa expressão intrigada, como se estivesse analisando e refletindo sobre algo. A essa harmonia entre a forma e o conteúdo chamamos “coerência”. Encoraje e oriente os alunos a lerem outros quadros e páginas, buscando relações semelhantes.



É importante ter em mente também que oposições entre texto e imagem podem ser produtivas para a obra como um todo. Isso ocorre na página 54, quando a duquesa diz à opressiva rainha que o dia está lindo. A imagem, porém, mostra a duquesa encoberta por uma sombra da rainha.

SOBRE A PROPOSTA E A ATIVIDADE

Se na sala há grupos com diferentes graus de autonomia de leitura (por exemplo, parte da turma lê sem apoio e outra parte precisa dele), não convém usar as mesmas estratégias de desenvolvimento da atividade para todos. As variações devem, assim, considerar propor diferentes complexidades de tarefas:

- Os alunos com autonomia leem sozinhos e podem, a partir da leitura, separar o que são palavras ou nomes de diferentes personagens;
- Os alunos que têm autonomia média podem ler em pares (alunos com hipóteses próximas), fazendo a mesma separação que a proposta para o primeiro grupo;
- Os estudantes ainda sem autonomia na leitura podem ser colocados para ler em pares e também individualmente, mas com o apoio e intervenção pontual e mais personalizada do(a) professor(a) – que vai ditando palavras da lista ao mesmo tempo que vai fazendo perguntas que os façam refletir sobre a escrita.

E, por fim, seria interessante que os alunos compartilhassem suas opiniões sobre a mudança de atitude de Alice diante de uma injustiça, já nas páginas finais do livro. Na ocasião, ela confronta a rainha.

Essa proposta mobiliza a Competência Específica 9 de Língua Portuguesa, a qual coloca a literatura, a partir de diversas práticas de leitura, como um instrumento humanizador e transformador (BRASIL, 2018, p. 87).

PROPOSTA 5	
Investigar a sonoridade a partir de sinais gráficos	
HABILIDADES MOBILIZADAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM SUGERIDOS
<p>(EF01LP08) Relacionar elementos sonoros (sílabas, fonemas, partes de palavras) com sua representação escrita.</p> <p>(EF01LP14) Identificar outros sinais no texto além das letras, como pontos finais, de interrogação e exclamação e seus efeitos na entonação.</p> <p>(EF12LP01) Ler palavras novas com precisão na decodificação, no caso de palavras de uso frequente, ler globalmente, por memorização.</p> <p>(EF15LP04) Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos.</p> <p>(EF15LP14) Construir o sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras e interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopeias).</p> <p>(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.</p> <p>(EF02LP28) Reconhecer o conflito gerador de uma narrativa ficcional e sua resolução, além de palavras, expressões e frases que caracterizam personagens e ambientes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar letras e/ou conjuntos de letras a sons correspondentes. • Identificar outros sinais no texto além das letras, como pontos-finais, de interrogação e exclamação. • Identificar os efeitos na entonação provocados pelo uso de pontos-finais, de interrogação e exclamação. • Ler palavras novas, decodificando-as. • Ler globalmente palavras conhecidas. • Construir sentidos nesses textos relacionando-os aos aspectos da sonoridade. • Reconhecer a dimensão lúdica e de encantamento de textos literários. • Valorizar textos literários de diversas culturas como patrimônio artístico da humanidade. • Reconhecer a estrutura dos textos. • Reconhecer a resolução do conflito gerador de uma narrativa ficcional.
<p>COMPONENTES DA PNA: Desenvolver consciência fonêmica e instrução fônica sistemática; desenvolver fluência em leitura oral.</p>	

Depois de encerrada a leitura do livro e as etapas de leitura analítica, o foco estará na produção de texto. É hora também de recontextualizar os aprendizados construídos nas Propostas 4 e 5, agora com foco em análise semiótica.

A obra *Alice no País das Maravilhas* traz uma temática muito interessante e que toca a vida de muitas crianças: os limites entre realidade e imaginação. Nessa etapa da educação, as crianças trabalham o desenvolvimento da habilidade de elaborar enunciados curtos.

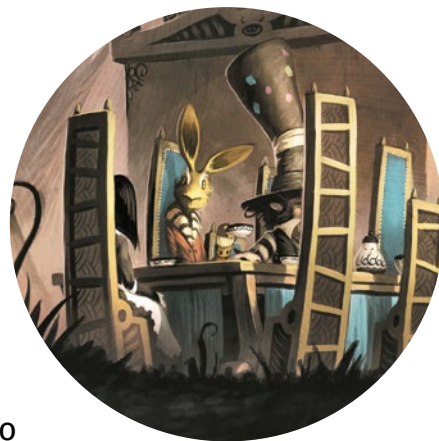
PROPOSTA 6	
Produção textual	
<p>Práticas de linguagem privilegiadas: Oralidade e produção de texto</p>	<p>Etapa: Pós-leitura</p>
	<p>Duração: 1 aula</p>
	<p>Materiais/Recursos: Livro, caderno, lápis ou caneta, ilustrações do livro impressas com lacunas</p>
ATIVIDADE	SOBRE A PROPOSTA E A ATIVIDADE
<p>Retome as produções registradas até aqui e converse com os alunos sobre todo seu processo de confecção.</p>	<p>A escrita coletiva é uma atividade desafiadora que pode ser estratégica em diferentes fases do processo de alfabetização, contribuindo de forma significativa para o aprendizado.</p>

PROPOSTA 6

Produção textual

ATIVIDADE	SOBRE A PROPOSTA E A ATIVIDADE
<p>Nesta etapa do trabalho, sugerimos a produção de uma foto-legenda que faça uso de uma palavra com a letra “S”. Trata-se de uma maneira de (re)contextualizar o aprendizado construído nas Propostas 4 e 5, atribuindo-lhes sentido. Além disso, a foto-legenda precisa fazer uso de dois sinais de pontuação estudados na Proposta 5.</p> <p>Para isso, você, professor(a), deve, junto a seus alunos, escolher uma ilustração que seja simbólica do momento que Alice está vivendo e, ao mesmo tempo, tematize “Maravilhas”.</p> <p>Então, peça que os alunos expliquem oralmente suas ideias, bem como suas hipóteses de escrita. Você trabalhará como escriba, escrevendo na lousa o texto que as crianças estão sugerindo.</p> <p>A cada palavra, leia para eles o que foi escrito, acompanhando a leitura com o dedo.</p> <p>Em paralelo, peça que tentem localizar palavras ou sílabas conhecidas e que tentem fazer a leitura oralmente e em grupo.</p> <p>Para assegurar a sistematização do processo, escolha outra palavra em que a letra “S” apareça em outra função ou fonema para a produção de uma nova legenda.</p> <p>Para os alunos de 1º ano e 2º ano, repita, com eles, a atividade, fazendo uso de outras ilustrações.</p> <p>Para os alunos de 3º ano, organize a turma em duplas e deixe que cada dupla escolha uma segunda ilustração e produza outra foto-legenda no tema “Maravilhas”. Por fim, peça que cada dupla apresente sua produção para os colegas.</p>	<p>Nas diferentes etapas da alfabetização, as crianças participarão da produção textual de formas distintas, como, hipoteticamente:</p> <ul style="list-style-type: none">• as mais inexperientes indicando ideias e levantando hipóteses;• aquelas com alguma experiência podem buscar confirmar ou descartar as hipóteses;• as mais experientes podem relacionar as ideias com as estruturas formais para a organização do texto. <p>O importante é garantir o protagonismo dos alunos na elaboração das foto-legendas, uma vez que na escrita coletiva o(a) professor(a) assumirá o papel de escriba do grupo.</p>
HABILIDADES MOBILIZADAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM SUGERIDOS
<p>(EF12LP05) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.</p> <p>(EF15LP07) Editar a versão final do texto, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, ilustrando, quando for o caso, em suporte adequado, manual ou digital.</p> <p>(EF35LP01) Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado.</p> <p>(EF35LP07) Utilizar, ao produzir um texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais, tais como ortografia, regras básicas de concordância nominal e verbal, pontuação (ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgulas em enumerações) e pontuação do discurso direto, quando for o caso.</p>	<ul style="list-style-type: none">• Participar de situações de escrita colaborativa de textos literários em prosa e em versos.• Planejar texto com base em imagem.• Escrever texto com base em imagem.• Ler, oralmente, produção própria.• Relacionar texto escrito com texto imagético.
<p>COMPONENTES DA PNA: Escrever palavras alfabeticamente; escrever textos curtos; trabalhar produção de escrita.</p>	

A PNA e a literacia familiar: a obra literária fora do ambiente escolar



De acordo com a Política Nacional de Alfabetização (PNA), literacia familiar corresponde “às práticas e experiências relacionadas à linguagem, à leitura e à escrita vivenciadas [pelas crianças] com seus pais, familiares ou cuidadores, mesmo antes do ingresso no ensino formal” (BRASIL, 2019, p. 23). A partir do ingresso das crianças nos ambientes formais de educação, o(a) professor(a) é agente fundamental na promoção da literacia familiar por meio da colaboração com as famílias e da integração entre as práticas escolares e familiares.

Pensando nisso, a seguir sugerimos algumas atividades que podem ser feitas para levar a obra *Alice no País das Maravilhas* para além da sala de aula, envolvendo a comunidade escolar e as famílias dos estudantes.

Uma delas é o envio de livros, não apenas desta obra que você está trabalhando com a turma, mas também de outros títulos da biblioteca escolar ou da sala de leitura, para serem lidos em casa **com** e **para** as crianças, através da leitura compartilhada de histórias seguida de conversas e reconto, criando uma rotina que estimula relacionamentos positivos na família. Na fase inicial de alfabetização e formação do leitor literário, recomendamos que os familiares explorem, também, os textos que acompanham a obra ou os paratextos. Neles, falamos um pouco sobre os autores e ilustradores, sobre as obras e o gênero literário a que pertencem.

Outras ações para serem desenvolvidas em casa envolvem o manuseio de lápis e giz para as tentativas de escrita, jogos com letras e palavras, entoação de cantigas populares, participação com os filhos em ambientes de literacia na própria comunidade, entre outras. Sempre que possível, é recomendado que as famílias façam o registro desses momentos por meio de fotos e vídeos, por exemplo.

Essas atividades promovem o diálogo e a escuta ativa, estimulam habilidades motoras e socioemocionais, despertam a fruição de ler, entre outras habilidades que serão decisivas ao desenvolvimento das crianças. Também as auxiliam a se familiarizar com tudo o que envolve o objeto livro: a cultura, a natureza, as suas próprias emoções, as letras, as palavras, a organização e as funções da escrita, entre tantas possibilidades.

Um tema bastante relevante da obra *Alice no País das Maravilhas* é o das mudanças frequentes, que podem mexer com as emoções das crianças. Incentive os alunos a conversarem com suas famílias sobre suas dificuldades e dúvidas em relação ao crescimento. Lendo o livro de uma maneira mais literal, é possível conversarem sobre os sonhos que costumam ter: são como os de Alice? São mais ou menos “malucos”?

Por fim, enfatizamos que a promoção da literacia familiar não depende necessariamente do nível de alfabetização/literacia dos pais, como se nota em algumas das práticas sugeridas acima.

Referencial bibliográfico comentado

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

Em A Psicanálise dos contos de fadas, Bruno Bettelheim faz uma análise das mais famosas histórias para crianças e seus símbolos. Para ele, os textos literários, em especial os contos de fada, desenvolvem e alimentam na criança a capacidade de fantasiar; fornecem-lhe escapes necessários para seus medos internos, suas ansiedades e seus mais variados sentimentos.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 14 mar. 2021.

A Base Nacional Comum Curricular define o conjunto de aprendizagens essenciais a que todos os estudantes têm direito, por lei, na Educação Básica. É um compromisso do Estado brasileiro para favorecer as aprendizagens de todos os alunos e fortalece a colaboração entre união, estados e municípios. Seus fundamentos pedagógicos se ligam ao compromisso com a educação integral, ou seja, com a formação e o desenvolvimento humano global, nas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica. O principal desafio da BNCC, enquanto meta político-educacional, é estabelecer um pacto nacional em torno da igualdade de oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento para todos os estudantes durante a Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. *Caderno da Política Nacional de Alfabetização*. Brasília, 2019. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br>. Acesso em: 14 mar. 2021.

O Caderno da Política Nacional de Alfabetização é um guia explicativo, destinado a estados e municípios, professores e alunos do ensino fundamental, pais e responsáveis, bem como estudantes da educação de jovens e adultos, que detalha a política, abordando desde o cenário atual, marcos históricos e normativos no Brasil, apresenta importantes relatórios científicos internacionais e aborda conceitos sobre alfabetização, literacia e muito mais.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.

O relacionamento entre os símbolos atemporais de heróis da mitologia e da literatura e os detectados nos sonhos pela moderna psicologia profunda é o ponto de partida da interpretação oferecida por Joseph Campbell, nessa obra que contribui para compreender o que é a jornada do herói. Para conhecer um pouco mais do trabalho de pesquisa do escritor, sugerimos ainda conhecer o site de sua fundação, a Joseph Campbell Foundation, em: <https://www.jcf.org/works/titles/the-hero-with-a-thousand-faces/> (Acesso em: 14 dez. 2021).

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

Da riquíssima obra de Antonio Candido, selecionamos o clássico “O direito à literatura” não só pela sua importância teórica, mas por, definitivamente, sintetizar o que rege este material, isto é, a visão da literatura – e da arte e de sua fruição – como um direito humano.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Leitura: inferência e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato/Saraiva, 2001.

A concepção de que a inferência representa uma ligação entre duas ideias é assumida desde a Antiguidade. Neste texto, a autora explica que a inferência se revela como uma conclusão de um raciocínio, uma expectativa, fundamentada em um indício, uma circunstância ou uma pista.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

É um manual didático e completo que se apoia no trabalho de um dos pioneiros das HQs para ensinar técnica e contar um pouco sobre os princípios que regem uma obra em quadrinhos. O livro apresenta os fundamentos de uma história em quadrinhos e destaca a leitura de imagens como uma atividade que requer compartilhamento de experiências. As histórias em quadrinhos exigem dos leitores certa sofisticação das habilidades de observação para interpretar os sentimentos e intenções do autor.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1983.

Nesta obra, Fischer discutirá o papel da arte na sociedade, destacando-a como uma realidade social. Reforça a ideia da relação íntima entre o artista e a sociedade, uma vez que a arte tem o papel de capacitar o homem a compreender a realidade, a suportá-la e a transformá-la, tornando-a mais humana.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. Educação (UFSM), Santa Maria, v. 32, n. 1, p. 21-40, 2007.

A partir de pesquisas sobre a história da alfabetização e dados de algumas práticas reveladas em livros e manuais para o ensino inicial da escrita, este artigo recupera o lugar dos métodos de alfabetização, de um ponto de vista histórico. A pesquisadora parte do pressuposto de que, mesmo quando os métodos não estão em evidência no campo teórico e no campo das políticas, as formas de materializar, em ações, as novas teorias e os desafios contextuais fazem parte da natureza da pedagogia.

MCCLLOUD, Scott. Desvendando os quadrinhos. São Paulo: M.Books, 2005.

Com uma metalinguagem única, McCloud cria uma excelente história em quadrinhos para estudar histórias em quadrinhos. A obra auxilia muito na compreensão de estilos de desenho e na decomposição das semioses do texto visual: uso de cores, sequência de quadros, planos, entre outros elementos fundamentais para uma interpretação mais completa.

O'CONNELL, Mark; AIREY, Raje. Almanaque ilustrado: símbolos. São Paulo: Editora Escala, 2016.

Este almanaque revela os segredos de códigos, símbolos e marcas que perpassam toda a história das civilizações, traduzindo seus significados usos e origens. A obra aborda cerca de mil signos e símbolos, cada qual com seu ideograma, explicações e usos.

RANGEL, Egon de Oliveira. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/Dicionarios-Saladeaula>. Acesso em: 29 nov. 2021.

Trata-se de uma publicação do Ministério da Educação com o objetivo apresentar aos professores características e possíveis usos dos dicionários em sala de aula, na expectativa de que seu aproveitamento seja mais otimizado.

SOARES, Magda. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016. E-book.

Neste livro, Magda Soares busca discutir a questão dos métodos de alfabetização no sentido de encontrar respostas acerca da aprendizagem das habilidades de leitura e escrita de crianças.

Indicação de leituras complementares

BAJOUR, Cecília. Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

Premiado com o “Selo Altamente Recomendável FNLIJ 2013”, a obra é composta por quatro textos que discorrem sobre a importância da “escuta”, da “conversação literária” e do “registro” para o êxito no trabalho com a leitura literária. Bajour chama a atenção para a importância da formação do mediador, responsável, em grande parte, pelo sucesso ou pelo fracasso das ações promotoras da formação do leitor em contexto escolar.

CAFÉ DA MANHÃ: Como os sonhos refletem os efeitos da pandemia na nossa mente. Entrevistados: Flávia Mantovani e Christian Dunker. Entrevistadores: Maurício Meireles e Magê Flores. [S.l.]: Folha de S.Paulo e Spotify, jun. de 2020. Podcast. Disponível em: <https://bit.ly/spotify-sonhos-pandemia>. Acesso em: 10 dez. 2021.

O episódio traz relatos de sonhos da época da pandemia vindos de diferentes países. Além disso, tem entrevistas com a repórter Flávia Mantovani, que ajudou a reunir os relatos para uma reportagem, e com o psicanalista Christian Dunker, professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, que fala sobre a função dos sonhos e a relação deles com a pandemia de Covid-19. Trata-se de um podcast para público adulto.

CHIARADIA, Kátia. A BNCC e o campo de atuação artístico-literário: o espaço aos estudos literários no Ensino Fundamental. Revista Terceira Margem, Rio de Janeiro, v. 25, n. 46, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/36095>. Acesso em: 14 jun 2021.

O texto problematiza a compreensão que a escola média tem do que é literatura, aproximando-a dos estudos linguísticos e distanciando-a dos estudos literários. Passa, ainda, pela discussão sobre a urgente necessidade de um plano de formação docente direcionado à ampliação do repertório estético-literário dos professores, para que, dispondo de critérios literários, possam ser mais capazes de escolher (ou recusar) obras literárias para seus alunos, com vistas à educação integral do sujeito.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

Fruto de uma extensa pesquisa realizada na Espanha, país natal da autora, este livro é certamente um clássico sobre o tema da formação do leitor literário, apresenta informações históricas e elementos preciosos para análise e compreensão da produção editorial destinada à infância e à juventude.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

Este livro é fruto do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Genebra na construção de um procedimento denominado Sequência Didática. Dolz, Noverraz e Schneuwly definem-no como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual, oral ou escrito”. Para eles, a SD permite criar um contexto de aprendizagem para o desenvolvimento de práticas de linguagem em diferentes campos de atuação.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Para Delia Lerner, é fundamental apresentar os objetos de conhecimento aos alunos em sua complexidade, trazendo os saberes em sua integralidade e rompendo com simplificações e fragmentações. Em resumo, falamos que a aprendizagem progride por sucessivas reorganizações do conhecimento.

Sugestão de obras que dialogam com *Alice no País das Maravilhas*

BAUM, Lyman Frank. *O mágico de Oz*. Trad. William Lagos. Porto Alegre: L&PM Editores, 2001.

No caminho da Estrada dos Tijolos Amarelos até a Cidade das Esmeraldas, Dorothy, a personagem principal de O mágico de Oz, encontra o Espantalho sem cérebro, o Lenhador de Lata e o Leão Covarde, amigos que, com ela, partem em busca de seus mais profundos desejos numa série de aventuras fantásticas. A trajetória de Alice se assemelha à de Dorothy por serem encaradas como alegorias do crescer: são duas crianças levadas a uma outra realidade, a um mundo fantástico, e ambas precisam enfrentar desafios para poderem retornar ao lar.

CORALINE e o Mundo Secreto. Direção: Henry Selick. Roteiro: Henry Selick. Estados Unidos: Laika, 2009. 1 filme de animação (100 min.), son., color.

Adaptada do livro homônimo de Neil Gaiman, Coraline Jones, curiosa e esperta como Alice, encontra uma realidade paralela através de uma porta. Nessa outra realidade, tudo parece ser como no mundo real, porém melhor. Ao longo da narrativa, contudo, esse aparente encanto de Coraline não parece ser como ela imagina. As obras de Coraline e Alice guardam semelhanças entre si: enquanto Lewis Carroll cria sua personagem e faz com que suas aventuras ocorram em um nível onírico, com tudo se desfazendo quando Alice acorda, o sonho – ou pesadelo – de Coraline será apenas mais um espaço para que uma ação determinante ocorra.

ZOOTOPIA: essa cidade é o bicho. Direção: Byron Howard; Rich Moore. Produção: Clark Spencer. Roteiro: Jared Bush; Phil Johnston. Estados Unidos: Walt Disney Animation Studios, 2016. 1 filme de animação (108 min.), son., color.

Um mistério que coloca em risco a convivência pacífica entre os animais de Zootopia une a coelha Judy Hopps e a raposa Nick Wilde. A animação propõe um olhar diferenciado e além dos julgamentos para o que são os animais e, tal qual a narrativa de Alice no País das Maravilhas, as coisas não são o que aparentam.

